

## DOSSIÊ – APRESENTAÇÃO

Alan Caballero  
Marcelo Vicentin  
Mirele Corrêa



O que vaza da imagem acima não pode ser traduzido pelo olhar de cada um. Os signos são livres de representação e buscam um escoamento à fixidez do pensamento através das linhas, traços, cores, texturas e misturas disformes. O híbrido da imagem se hibridiza pela sensação, na conjunção de um só corpo que com ela escorre, respinga, agrega-se, funde-se em outras cores, tonalidades, formas, contornos, abrindo-se a um sem-mundo de imagens polimórficas possíveis e sensações variadas.

Deleuze e Guattari, na obra *O que é filosofia?* de 1991, vão dizer que a arte é o que possibilita a passagem de *afectos* e *perceptos*. É aquilo que nos dá condições na produção de um corpo vibrátil e, por isso, é a única capaz de perdurar no tempo, porque o que perdura não é o signo, mas sua qualidade assignificante: o intensivo, o extensivo, o intempestivo e o impessoal.

As obras de Gustavo Torrezan vêm nos acompanhando desde as primeiras edições do *Seminário Conexões*, permitindo que as múltiplas temáticas já propostas encontrassem um esteio, sem que esse esteio subtraísse a potência do múltiplo, mas, ao inverso, catalisasse tal potência a n-1. É assim que o *Seminário Conexões* vem sendo encarado desde então, como um catalisador dos múltiplos pensamentos que são atravessados pelos mais variados *afetos* e *perceptos* produzidos nas múltiplas esferas da nossa existência contemporânea. Imanências caóticas impulsionadoras de problematizações acerca do corpo, da filosofia, das artes, da verdade, das ciências, das fronteiras, da educação, da raça, da política, da moral, da estética, dos sistemas econômicos, dos universalismos e de tudo aquilo que é posto como estandarte, mitigando e esterilizando o que prolifera das margens.

Sob a realização do Grupo PHALA - Grupo de Pesquisa em Educação, Linguagens e Práticas Culturais, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, o *VIII Seminário Conexões*, enviesado por leituras da *Filosofia da Diferença*, pretende-se um espaço marginal de escuta sensível, em que tudo é possível no encontro com as diferenças e singularidades. Sem embargo, pretende-se, também um espaço micropolítico de luta antifascista e de toda ordem totalitária.

Os estudos, sobretudo das obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari, possuem uma significativa relevância acadêmica, permitindo ampla ramificação às mais variadas temáticas contemporâneas. Nesse sentido, o *Seminário Conexões* atrai cada vez mais participantes, que vêm de outros estados brasileiros, das mais diversas universidades.

Realizado anualmente até sua quinta edição, em 2013, posteriormente passou a ser realizado a cada dois anos. O *I Seminário Conexões*, 2009, propôs interlocuções entre “Deleuze e Imagem e Pensamento e...”; O *II Seminário Conexões*, 2010, o tema “Deleuze e Vida e Fabulação e...”; Em 2011, O *III*, em 2011, instigou os participantes com “Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e...”; Em 2012, o *IV*, “Deleuze e Resistência e Política e...”. O *V Seminário Conexões*, 2013, “Deleuze e Territórios e Fugas e...”; O *VI*, 2015, Deleuze e Linhas e Máquinas e Devires e... articulando-se ao projeto “Intervalar o currículo: potência das audiovisuais” (CNPq 484908/2013-8). Em 2017, o *VII*, “Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e... Em 2018, os grupos envolvidos com sua organização foram responsáveis pela organização inédita da *11th International Deleuze and Guattari Conference*, que pela primeira vez aconteceu num país da América Latina.

Na sua oitava edição, a última, em 2019, realizada durante os dias 11 e 14 de novembro, na Faculdade de Educação da Unicamp, *Seminário Conexões* propôs como tema: “Deleuze e Corpo e Cena e Máquina e...”, com foco na experimentação e propagação de conexões produzidas pelos contextos sociais e políticos atuais. O Seminário teve como eixos: a tecnologia, a ciência e as artes, articuladas em torno dos conceitos de máquina, corpo e cena, em agenciamentos junto às filosofias da diferença. Em termos artísticos, esta edição, privilegiou as artes da cena: teatro, dança, performance, cinema, naquilo que podem mobilizar o pensamento na educação e na filosofia. Para tanto, convidamos artistas e estudantes e professoras e professores e pesquisadoras e pesquisadores e curiosos e curiosas... para estarem conosco, deixando-se atravessar por outras maneiras de ser e estar no mundo, outras sensações e percepções, de modo a nos constituirmos eticamente outros.

Essa edição de 2019, ramificou suas conexões com a participação de pesquisadores latino-americanos, particularmente, da *Red de Estudios Latinoamericanos Deleuze y Guattari (REELD&G)* e abriu espaço, também, para o *I Encontro Deleuze e Educação e Matemática e...*, no dia 14 de novembro, tendo como foco a dobra entre Filosofias da Diferença e Educação Matemática.

Dessa heterogeneidade de pensamentos resultou a publicação deste dossiê temático em colaboração com a Revista Linha Mestra, que há tempos caminham conosco por trilhas nômades. Os artigos, aqui apresentados, falam, discutem, problematizam acontecimentos pelos quais o corpo busca liquefazer-se. Entre as técnicas mais variadas, fotografam-se escrituras de cidades, passeios em miragens e geometrias de florestas. Nelas acontecem exercícios de guerra, seja para gaguejar gestos ou fazer dançar o pensamento, o importante é movimentar-se por saltos de imanência, criar gramáticas para escapar dos fluxos. Nos registros em mercadinhos ou em bailes de salão encontram-se possibilidades de reinvenção, disrupção e extensão de afetos.

A aposta vai de performances clínicas a acontecimentos “bixa”: se o movimento é menor, fugaz é o corpo. A dramaturgia da carne acontece também no encontro do lápis da criança com o colorido do papel, na poesia das plantas e na fabulação de intensidades. Nessas experimentações é possível beber sonhos, falar idiomas desconhecidos e fazer bruxaria. Tudo

isto significa a maquinação de corpos, encenação de afetos e criação de mundos. A vida pulsa nos sujeitos enunciados pelas/os autoras/es, captando o sensível e o imaginável.

Trata-se de invenções para resistir à territorialização. É preciso inventar-se em meio às árvores, aprender a ouvir o canto dos animais, imaginar simbioses impensadas até então: novas amizades humanas e não-humanas. Permitir ao efêmero agenciar o que é vivo com alegria, porém, não somente. A tristeza rouba a cena para singularizar momentos de luto de uma gravidez interrompida, na mulher que derrama em si o sangue da agressão, na recém-desempregada com dificuldades em pagar suas contas e no adolescente com a liberdade controlada na prisão – rastros a serem cartografados por imagens, signos e volições. *Perceptos* da precariedade: um misto de violência e sofrimento cruza as páginas dos artigos-produções procurando por alguma purificação.

Quer-se encontrar um corpo sem órgãos, talvez um *cyborg*. Quando os afetos não são suficientes no processo de fabricação da subjetividade, serão as próteses mecânicas - bordados, violinos, sapatos, sapatilhas, malas, mochilas, peças de plástico, ferramentas de metal, dramas encenados, cheiros de paisagens, texturas em baixo relevo, sorrisos amigáveis, choros ruidosos, um banco para conversar, uma árvore para escalar, um caderno para escrever, uma tela de cinema para gritar (por você?)... Corpos de cenas, cenas de máquinas e maquinismos nômade. Tudo num transbordamento indiferenciado para a produção de travessias caóticas até o limite da desterritorialização, pois os encontros precisam se assentar em algum lugar: no organismo, na natureza, no movimento, na poesia, na música, no cotidiano, na pesquisa, na performance, na matemática, na câmera, na memória, na pele-partilhável, no rosto-que-conheço, no devir-inquebrantável... Suspiros da tecnovida.

Essas experimentações afetivas (na alegria ou na tristeza) são produzidas em um período de neoliberalismo que fincam estacas-desejo nos corpos a fim de controlar o devir, fazendo trabalhar o mais-querer-mais-querer... para produzir um território no qual não se vive sem pedir permissão; agrilha-se as vontades aos artefatos e arquiteturas que encenam o desgaste da população sujeitada. O desejo que transborda, evapora por corpos cansados, medicalizados, violados, calados, exterminados, ortopedizados, negados, interditados, explorados ou desenraizados. Essas taxas elevadas de câmbio obrigam a pensar as sociedades disciplinares e as sociedades de controle na molaridade do Estado-mercado e na molecularidade política e econômica da subjetividade. Exibem-se as pulsões de morte para cortá-las com pulsações vivazes.

As lembranças do passado abrem margem para atualizações: estamos vivendo um período de pandemia! Em tempos de isolamento são lembrados os estranhamentos e sufocamentos de ter nossas vidas-arquiteturas confinadas aos fluxos de uma mesma paisagem quando sua vitalidade é valiosa para a biopolítica, mas lançada às ruas quando é preciso capitalizar vitalidades depreciadas. O alerta é para a fixação do nomadismo por políticas de contágio capazes de intervir no devir-vírus. Inicia-se o próximo ato com o risco de viver: contagiar a vida a arriscar-se. Provocar fissuras, rachaduras ou aberturas pelo agenciamento de cenas fixadas. Desenhar um fora para potencializar as vidas que (re)existem.

São estas tempestades de sentido e experimentações que aguardam adentrar a pele de leitoras(es) para transmutar esforços de nossas(os) colaboradoras(es) em esguichos estético-poéticos na hora de brincar com o pensamento. São dicas, ensaios, receitas, cuidados, imagens-movimento e até mesmo pesquisas para saborear artes de existir em um mundo desconectado da criatividade e plugado na vida programada. Reunir estas produções são uma possibilidade de apontar possibilidades outras de vida com um agenciamento singular de cenas de ciência, filosofia e arte. Arriscamo-nos em forma de sujeitos-rede a iluminar forças que residem em todas as máquinas, lubrificadas ou enferrujadas, para suscitar o contágio da vida e a transmigração da alma. Em resumo, partilhamos experiências para atravessar fronteiras e juntar corpos.